

Dias Rosa*

Era um prazo fatal, que provocou um episódio burlesco na noite de 21 para 22 de janeiro. Estava chegando a meia-noite e a votação do projeto ainda não tinha terminado. Faltando um minuto para terminar o prazo fatal, o Presidente do Congresso, Senador Auro de Moura Andrade, de-terminou que fossem parados todos os relógios do recinto do Congresso Nacional para que, pelos relógios da Casa, não se esgotasse o tempo enquanto não se encerrasse a votação da matéria, com o argumento – um tanto ridículo – de que o tempo do Congresso se marcava pelos seus relógios... E assim, concluída a votação, já na manhã do dia seguinte, ele mandou reativar os relógios. E tudo ficou como se tivesse sido feito dentro do prazo. (SILVA, J., 2011, p. 79)

Nós mudamos os relógios
Para que eles batessem em consonante ritmo
Para que as horas do mundo estivessem em conforme acordo
Com as nossas reviravoltas cabrestas

Fizemos do papel, pano
Do pano, pão
Do pão, a perfeita patifaria
Que poderia ser feita com o pesado pasto

Do todo, o nosso
Do diverso, o raso
Do prazo fatal, o projeto completo
A votação constituinte

Para se entender o presente
É preciso proceder
A limpo e a seco

* Dias Rosa é graduanda em Direito e integrante do Programa de Educação Tutorial do Curso de Bacharelado em Direito da Universidade Federal de Uberlândia, na condição de não-bolsista. Publicou seu primeiro livro de poemas ao ano de 2019, tendo como título “Pronto Final”, com a Editora Letramento.

Justificativa: O presente poema foi construído a partir de fato concreto apresentado pelo jurista José Afonso da Silva, como parte essencial para compreensão da realidade constitucional brasileira em meio à ditadura militar, e tem por intuito propor a reflexão que possamos não estar tão distantes do que considera-se passado, sendo sempre necessária a cautela para que não se banalize o absurdo e o potencial mal nas esferas políticas e de Direito. (SILVA, José Afonso da. **O constitucionalismo brasileiro**: evolução institucional. Malheiros: São Paulo, 2011.)

Poema

Com o perfilhar, atento, das contas do passado

E quando o tempo, enfim, parou
Quando o vento assim processou
E o sol e a terra se esquentou
O poder bravio se postergou

Por ora, passado é paráfrase patente
Com aprovação da autoridade competente
E alienação de parcelas condizentes